

quando contraposta à mentira. Trata-se, neste caso, da verdade interior ao homem, como limpidez do coração. Na Bíblia, ela anda intimamente ligada à rectidão moral como coincidência do comportamento humano com o desígnio amoroso do Deus fiel. O profeta é o intérprete deste desígnio e o juiz desta coincidência. No universo da mentira se integra, nesta linha, a magia, enquanto pretensão de controlar, mudar e manipular o desígnio divino. Jesus insiste particularmente nesta ordem de verdade, com a sua norma do «sim, sim» e «não, não» para toda a linguagem humana. Aliás, ele mesmo se apresenta como a própria Verdade divina feita carne humana, transparência de Deus para os seus ouvintes e discípulos.

O número 10 da colecção «Scripta Bíblica» está dedicado a esta temática, com múltiplos temas afins no âmbito da ideia bíblica de verdade, e múltiplas análises e abordagens por vários autores. Assim, Joan Ferrer estuda a verdade da história de Israel; Joan Ramon Marín i Torner, trata o tema «Verdade ou astúcia? Tradições sobre a mentira no Pentateuco»; Francesc Ramis Darder, procede à análise dos verdadeiros e dos falsos profetas; Teresa Sola aborda a magia como forma de mentira em Ez 13, 17-23; Begonya Palau interpreta e comenta Mt 5, 37: «Seja a vossa linguagem sim, quando é sim; não, quando é não. O que for além disso vem do Maligno»; Josep Rius-Camps procura resposta para a questão: Simão Pedro foi, desde o início, realmente discípulo de Jesus? Josep Oriol Tuní i Vancells apresenta um estudo sobre o Evangelho de João como revelação do projecto de Deus (a Verdade), comentando o dito de Jesus «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14,6); por sua vez, Armand Puig i Tàrrach estuda o episódio de Ananias e Safira (Act 5, 1-11): enganar a comunidade e mentir ao Espírito; Jordi Cervera i Valls apresenta

o céu como a tenda verdadeira (Heb 8, 2); finalmente, um tema extra-bíblico, que todavia pode servir para confronto com a verdade na Bíblia, é o longamente desenvolvido por Antoni Bosch-Veciana: a verdade e o viver na verdade segundo Platão.

A edição está servida por dois índices (além do índice geral): de autores e de citações bíblicas.

JORGE COUTINHO

BROWN, Raymond E., **El evangelio y las cartas de Juan**, Desclée de Brouwer (www.edesclée.com), Bilbao, 2010, 218 p., 230 x 150, cartonado, ISBN 978-84-330-2390-2.

Escrito por um dos maiores especialistas contemporâneos nos escritos joaninos, com volumosos livros publicados sobre o evangelho e as cartas de João, este livro oferece ao leitor uma espécie de condensado dos seus comentários anteriores, síntese magistral de longos anos de investigação e estudo.

Na introdução ao evangelho (pp. 15-34), R. E. Brown tece elucidativas considerações sobre o texto, o autor, os escritos joaninos, a sua relação com os sinópticos, as fontes da tradição joanina, os manuscritos do Mar Morto, os documentos gnósticos de Nag Hammadi (Chenoboskion), a ordem de sucessão dos capítulos do evangelho de João, a sua estrutura e as suas características. Considerações acrescidas de uma interessante tradução em forma poética, a partir do grego, do Prólogo joanino. Seguem-se, perícopa após perícopa e com os necessários subtítulos, os comentários, sempre precedidos do texto do evangelho traduzido e acompanhados, em interessante e útil disposição gráfica, da indicação

do respectivo versículo que está a ser comentado (na margem do lado esquerdo) e dos lugares paralelos da Escritura (na do lado direito).

A partir da p. 167, é a vez das Cartas, com estrutura gráfica de texto, comentários e notas laterais semelhante à do Evangelho. Na introdução (pp. 169-175) R. E. Brown elucida sobre o autor, a relação das cartas com o Evangelho, a ocasião da sua escrita e a estrutura da primeira Carta.

O livro, em sua forma de síntese ou resumo, sem deixar de poder ser útil para alunos e mesmo para docentes dos escritos joaninos, pode sobretudo tornar-se um precioso instrumento auxiliar para quantos, mesmo simples fiéis, procuram uma sábia aproximação do sentido dos textos bíblicos. No caso, do evangelho e das cartas do discípulo amado.

LUÍS SALGADO

FILOSOFIA

SPAEMANN, Robert, **Les personnes. Essai sur la différence entre «quelque chose» et «quelqu'un»**, coll. «Humanités», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2009, 360 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08987-6.

O que é que, verdadeiramente, constitui a essência do ser pessoa? O que é que permite falarmos de «alguém», como irredutível a qualquer simples «alguma coisa»? Será um doente mental uma pessoa? Ou, ainda, um ser humano em estado de coma ou, mais simplesmente, um homem a dormir serão verdadeiramente pessoas? Beneficiarão, como tais, dos «direitos da pessoa» (expressão que,

por alguma razão, substituíu «direitos do homem»)?

Robert Spaemann, professor emérito da Universidade de Munique e figura eminente da filosofia moral na Alemanha, revisita aqui a ideia aristotélica de natureza humana e de teleologia para interrogar criticamente as grandes correntes da modernidade sobre isso que se considera como «ser pessoa». O livro em presença é a tradução francesa do original alemão *Personen. Versuche über den Unterschied zwischen «etwas» und «jemand»* (Stuttgart, 1996).

Aliando a atenção à vida concreta, com os múltiplos exemplos que nela podemos encontrar, às referências precisas da história do pensamento, num estilo muito analítico e, à boa maneira alemã, muito paciente e atento ao mais ínfimo pormenor, debruçando-se sobre a linguagem em que o termo «pessoa» ou outros equivalentes ou com ela relacionados aparecem, Spaemann procura sapientemente detectar a verdadeira essência da pessoa. Contrariando certas tendências modernas para afirmar que nem todo o homem é pessoa, e tendo em vista, em particular, aquela que reduz a visão da mesma à interioridade e subjectividade e aquela que, pelo contrário, reduz a pessoa ao «indivíduo» (caso, p. ex., dos sociólogos), sublinha que as pessoas, verdadeiramente, só existem no plural, enquanto que inseridas numa comunidade de reconhecimento da unicidade de cada uma. Quis exprimir isso no próprio título do livro: *Les personnes* (al. *Personen*).

Mas a verdade é que a pessoa tem uma natureza própria. Na procura desta – em boa postura hermenêutica em face da linguagem onde o ser das coisas anda configurado e a partir do qual se desvela, mas procurando ir além da linguagem, na procura do ser mesmo das coisas, no caso, do ser ou da essência da pessoa –, analisa